

CULTURA AFRICANA NO CINEMA: LEITURA CRÍTICA DA IMAGEM DO RACISMO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. Delton Aparecido FELIPE¹ – Mestrando em Educação-UEM ddelton@gmail.com e Teresa Kazuko TERUYA - tkteruya@gmail.com – Docente do Mestrado e Doutorado em Educação da UEM, Maringá/PR

Introdução:

No século XXI, a educação escolar tornou-se uma função de grande relevância para melhorar a situação social, econômica dos indivíduos, especialmente, o acesso da comunidade negra. No campo educacional, há uma lei que determina o respeito à diversidade cultural da sociedade brasileira. A comunidade escolar não pode mais aceitar que somente algumas culturas sejam contempladas nos currículos. É necessário abolir os privilégios, promover a valorização de cada indivíduo social, oferecer a oportunidade de apropriação de ferramentas básicas do conhecimento que permitem melhor leitura das questões sociais. A democracia só é possível se for viabilizado um projeto de uma sociedade em que todos os seus membros são valorizados e incorporados ao currículo escolar. São conteúdos que propõem abolir a discriminação racial, imprescindíveis para a superação da hierarquia cultural.

Kellner (2001) afirma que a cultura veiculada pela mídia possibilita uma identificação com as pessoas, pois as imagens em movimento e os sons ajudam a forjar o tecido da vida cotidiana. Este universo midiático domina o tempo de lazer, modela opiniões políticas e comportamentos sociais.

Neste contexto, a escola não pode mais se comportar como a detentora do saber, a mídia está cada vez mais presente em nosso cotidiano e é o principal meio de transmissão de informações. Cabe aos pesquisadores da educação desenvolver uma metodologia de ensino com os recursos midiáticos em uma perspectiva crítica, a fim de atender a essa nova lógica da construção do conhecimento e contribuir com a formação de professores.

Para contemplar e valorizar a cultura dos diversos sujeitos históricos, os Estudos Culturais entende que a escola deve ser um ambiente da diversidade cultural, a fim de preparar a sociedade para respeitar o diferente em relação a origem etno-racial, a opção sexual, as capacidades cognitivas e o status social. Tomaz Tadeu da Silva alerta que

“não se pode estabelecer uma hierarquia, entre as culturas humanas, de que todas as culturas são epistemologicamente e antropologicamente equivalentes.

Não é possível estabelecer nenhum critério transcidente pelo qual uma determinada cultura possa ser julgada superior a outra”. (Silva, 2002, p.102).

Neste trabalho, propomos refletir sobre a seguinte questão: de que maneira o cinema, ao mostrar os conflitos sociais gerados pelas leis raciais impostas à África do

¹ Participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Informática Aplicada à Educação – GEPIAE da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Sul (1911-1991), pode contribuir para formar professores mais preparados e capazes de lidar com o preconceito racial em sala de aula? Para realizar essa tarefa, selecionamos como fonte, o filme: *Sarafina - o som da liberdade* produzido nos Estados Unidos em 1993, dirigido por Darrel Roodt com duração de 116 min. Seu enredo enfoca o contexto do sistema apartheid na África do Sul. A escolha deste filme se justifica porque, ao retratar a história da população negra sul-africana no período do apartheid¹, traz imagens e mensagens significativas que sustentam o discurso dos dominantes. Com base nos Estudos Culturais, propomos apresentar uma leitura crítica da linguagem cinematográfica. Nesta perspectiva, os autores como Douglas Kellner (2001), Stuart Hall (1997), John Thompson (1998) e a contribuição de Foucault (2003) são relevantes para compreender a lógica da dominação pela segregação racial.

O cinema na prática pedagógica:

É indiscutível que a mídia influencia a nossa vida diária. Afinal, vivemos na era midiática. No mundo urbano, estamos cercados de mensagens midiáticas, no lar, nos cinemas, nas ruas, nas vitrines de lojas e em outros ambientes. A leitura crítica da mídia requer uma análise do discurso midiático que é moldado pelo discurso dominante cujo interesse está focado na perpetuação da estrutura social vigente. (TERUYA, 2006). As mensagens midiáticas carregam em si elementos que colaboram para construir e desconstruir opiniões, comportamentos sociais e identidades.

A linguagem cinematográfica, no processo de ensino e de aprendizagem, pode colaborar com uma prática questionadora dos padrões estéticos da sociedade e dos discursos dominantes. Kellner (2001) diz que um dos principais temas debatidos sobre a mídia é a sua capacidade de induzir os indivíduos a se identificarem com as ideologias e as representações sociais dos dominantes, porém tratar da mídia apenas como instrumento de dominação e de alienação do público seria limitar a potencialidade que os recursos midiáticos têm a oferecer para uma nova lógica da construção do conhecimento.

O filme foi produzido em um universo cultural repleto de ideologias formadoras de opinião. O cinema como meio propagador de idéias políticas, econômicas e sociais, pode ser um veículo eficaz no processo de massificação e consolidação de ideologias que se sustentam em uma lógica da aparência. Turner (1997) argumenta que as idéias e as representações sociais veiculadas no cinema tende a esconder dos homens a maneira como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. É justamente esse ocultamento da realidade social que podemos chamar de Ideologia. O poder político e econômico de um grupo social legitima as condições sociais de exploração e de dominação, de tal forma que parecem verdadeiras e justas.

¹ Apartheid significa separação na língua africâner, criada no século XVII pelos holandeses que colonizaram a África do Sul.

Ao utilizar o filme como fonte de estudo ou como ferramenta pedagógica que visa a construir uma sociedade multirracial com base na diversidade cultural, é preciso trabalhar em uma perspectiva crítica. O registro das ações humanas, representadas na tela, precisa ser decodificado e interpretado, muitas vezes, desconstruídos, porque o filme traz um discurso, uma representação do real que geralmente estão eivados de ideologias.

Thompson (1998) ressalta a necessidade de uma análise sociológica da produção midiática. No decorrer do século XX, os produtores de filmes atuaram como instrumento eficaz no processo de massificação de uma ideologia norteadora do *Status quo* de grupos dominantes. Nesse sentido, o cinema contribuiu para disseminação da cultura hegemônica como um dos instrumentos de homogeneização cultural.

O glamour impregnado nas imagens espetaculares, especialmente dos filmes hollywoodianos difundidos no Brasil, reforça o estereótipo do que é ser belo, do que comer, de como se vestir e do que falar. Ao incorporar os padrões idealizados pela mídia e hierarquizar as culturas, a sociedade tende a marginalizar aqueles que não se adaptam a este padrão de comportamento oriundo das camadas dominantes.

De acordo com Leite (2003), no ambiente escolar, as imagens e as mensagens de um filme podem ser trabalhadas em uma perspectiva da desconstrução do chamado “padrão de ser” da camada dominante, já que o discurso da narrativa filmica, por meio de suas falas que dão sentido as suas imagens, traz em si uma relação de poder. Foucault (1996) alerta:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo numero de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, esquivar-se de sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, p.09)

Os discursos dos grupos dominantes naturalizam e identificam as culturas destes grupos como se fosse a cultura de toda comunidade. Este fato merece nossa reflexão, uma vez que estes discursos não contemplam, não reconhecem e, consequentemente, não respeitam a diversidade cultural constituinte de uma sociedade.

Leite (2003) recomenda que o uso de filmes na educação escolar seja tratado como um elo para repensar a relação professor-conteúdo-aluno. Não caberá mais ao aluno assimilar o conteúdo do discurso dominante, mas com a mediação do professor, constituir a sua própria visão sobre a sociedade, para que professor e aluno desenvolvam as ferramentas necessárias para desconstrução e reconstrução da linguagem filmica, a fim de possibilitar a construção democrática do saber sistematizado.

Com intuito desconstruir os discursos dos dominantes, selecionamos o filme *Sarafina - o som da liberdade*, como fonte de pesquisa da história e cultura africana, para propor uma leitura crítica da mídia, como metodologia de ensino na formação de professores. Nas cenas deste filme sobre um povo negro sul africano, subjugado pelos colonizadores holandeses e ingleses, contém imagens que nos permite extrair uma

análise sobre o racismo legalizado. A partir desta narrativa, procuramos analisar os discursos que sustentam o preconceito racial em nossa sociedade.

O filme: Sarafina e o discurso dominante:

Sarafina é uma adolescente negra que mora em Soweto, um bairro de Johanesburgo, capital da África do Sul, um dos inúmeros guetos reservados à população negra no período em que vigorou o regime do apartheid. Esta adolescente vive uma série de experiências individuais e coletivas nos mais diferentes contextos de seu meio social e escolar; apesar de a escola ocupar um espaço importante na trama, o ambiente de convivência e aprendizagem de Sarafina não se restringe ao espaço escolar. Em seu cotidiano, ela expressa sua admiração pelo líder político Nelson Mandela, que se encontra preso naquele momento retratado no filme.

A história de luta de Nelson Mandela pelo fim do apartheid, em defesa da igualdade de direitos e a conquista da liberdade do povo sul africano, é que Sarafina aprende a respeitar e admirar. Diante de uma foto deste líder pregada na parede de seu quarto, em uma pequena casa onde mora com a sua avó, tios e irmãos menores, ela brinca, conta história, tira duvidas, fala das angústias e sonha com a mesma liberdade que esse líder negro sonhou. A personagem de Sarafina, no desenrolar da trama do filme, revela em vários momentos, na conversa com a foto de Mandela, o seu projeto de nação.

Sarafina sonha com uma África do Sul livre de toda a segregação racial, onde os homens e mulheres de todas as etnias respeitem as diferenças culturais para que possam conviver juntos, em uma sociedade justa e democrática. Ela defende o respeito entre os diversos grupos sociais independe de sua cor, religião e sexo.

Mandela não é a única fonte de inspiração para Sarafina. Em sua luta contra o apartheid, ela também vê em sua professora Mary Massambuko (Whoopi Goldberg) um exemplo a ser seguido. Massambuko é uma mulher indignada com a submissão de seus colegas professores que não se opõem ao ensino controlado pelo sistema apartheid, baseado na história dos grupos de brancos que estão no poder. Ela começa a destacar em suas aulas de história, a realidade social de seus alunos. É uma professora de coragem ao permitir que a sua turma de jovens, ansiosos por conhecer a si mesmo e ao seu país, visualize uma história muito diferente da história sobre o povo sul africano do currículo oficial, a fim de desnaturalizar aquele conteúdo escolar obrigatório, que tem os brancos como protagonistas e negros como meros coadjuvantes.

Os alunos, com a orientação da professora Massambuko, usam a música como instrumento de luta para reivindicar uma educação que valorize os diversos grupos sociais e protestar contra o racismo e o segregacionismo racial. Eles tentam organizar um show para homenagear Mandela, um espetáculo que representa a valorização da história sul-africana, tendo negros e brancos como atores dessa história. Mas este

projeto é interrompido bruscamente, porque o sistema vigente usa o seu poder para impedir a manifestação da professora Mary Massambuko e de seus alunos.

O filme contém cenas de violência praticadas por grupos dominantes, que utilizam o aparato policial para manter o sistema apartheid por meio de um discurso hierarquizador e impor uma ideologia da submissão, para reproduzir a ordem existente. É visível a desvalorização da cultura africana neste período e a imposição da superioridade branca pela força da lei para subjugar a maioria negra.

Neste contexto, as atividades de Sarafina e de outros jovens, tanto no ambiente escolar e quanto nas relações pessoais, não se modificando com a consciência crítica que é manifestada na indignação da professora diante do ensino privilegiado pelo sistema apartheid. Sarafina se rebela, junto com os amigos. Em seguida, sofre as consequências da violenta represália policial.

Na prisão, Sarafina, além de sofrer sessões de torturas, ainda presencia a tortura de inúmeros jovens, que assim como ela sonhava com uma África do Sul igual para brancos e negros. Sarafina começa entender como o poder usado pelo grupo dominante impõe a idéia de que os negros sul-africanos são os transgressores quando não aceitam as regras impostas. Ela percebe que é necessário lutar, de forma inteligente, pela construção de uma África do Sul livre, onde todos tenham liberdade de expressão, sem medo de ser punido. Por isso, ao sair da cadeia, Sarafina vê a necessidade de dar continuidade ao show que sua professora havia programado. Um show em homenagem a Nelson Mandela, naquele momento, representava a resistência contra um sistema violento e repressor, que dependia do aparato policial de opressão para a sobrevivência da estrutura social vigente. Na prisão, Mandela, com sua história de vida, conseguiu conquistar a simpatia de multidões, dentro e fora de seu país, por resistir ao sistema sem impor ao outro a violência.

Os grupos dominantes na África do Sul usaram todos aparatos legais e não legais que possuíam para subjugar a população negra sul-africana ao sistema imposto pelos brancos. Seus discursos estão fundamentados em mentiras e distorções, para negar a igualdade de direito do povo sul africano sobre todos as riquezas existentes no país.

Segundo Althusser (1985), o Estado utiliza-se de dois tipos de aparelhos: os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE), como a polícia e o exército, e os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), como a igreja, a escola, os sindicatos e, especialmente, os meios de comunicação. A partir destes conceitos formulados por Althusser sobre os mecanismos de dominação utilizados pelo Estado, podemos entender como se perpetuou esse domínio branco durante mais de 75 anos. No filme, fica evidente a utilização dos dois tipos de aparelhos para sustentar o sistema apartheid. A sua ideologia foi difundida ao longo da história da África do Sul e reproduzia o ideal de vida da classe dominante.

A história apresenta os africânderes como um povo escolhido e colocado por Deus na ponta meridional da África para cumprir uma missão divina: a de

trazer os povos ‘bárbaros’ à civilização. (...) Portanto a religião fundamenta a história, cria a nacionalidade africânder e determina a organização social e política da África do Sul (LOPES, 1990, p.124).

Nesta passagem, observamos que havia dois mecanismos de aparelhos ideológicos na difusão da ideologia dominante na África do Sul. O primeiro mecanismo é o religioso, pois estabelece a noção de “povo escolhido por Deus”, evidenciando a superioridade dos africânderes sobre os demais, na sua “missão” civilizadora. O segundo mecanismo é a educação escolar como transmissora legítima dessa história, que, neste caso, é a história da “missão” dessa classe dominante – africânder – transmitida a todas as classes sul-africanas.

O Levante de Soweto de 1976 é um exemplo de como os Aparelhos Repressivos de Estado foram acionados contra os estudantes negros. Esta manifestação foi um protesto contra a imposição do “africâner” como língua vernácula nas escolas para negros, estabelecido pelo sistema educacional do governo racista. Isto revela a utilização da instituição educacional para manter o “status quo” da classe dominante, por meio do uso de um dos símbolos do dominador – a língua. Neste Levante houve um massacre de crianças e jovens, para punir a contra-resposta organizada e realizada pela classe dominada em uma passeata de protesto.

A política de segregação racial tirou dos negros os seus direitos políticos e mergulhou a África do Sul em uma de suas fases mais obscuras da história da humanidade. Todas as manifestações de indignação e protestos contra o sistema da parte dos negros sul-africanos eram violentamente reprimidas com prisões, torturas e até mortes dos líderes, como foi representado nas imagens de tortura sofrida por Sarafina e na morte da professora Mary Massambuko, mostrados no filme.

Soweto explodia. Dez mil estudantes negros marcham pacificamente para a escola onde a greve começara, onde se defrontaram com a polícia, que utilizou gás lacrimogêneo. As crianças atiraram com pedras, a polícia revidou abrindo fogo e matando várias crianças que apenas queriam ter sua identidade respeitada em próprio país (SAMPSON, 1988, p.124)

A citação acima evidencia que o sistema apartheid, por meio dos aparatos policiais utilizados pelo grupo dominante, impõe a submissão e a hierarquização aos negros sul-africanos. Foucault (2003) denomina esse tipo de procedimento como métodos de disciplinares. Na escola, este método se propaga pelo discurso, com a distribuição de saberes que contemplem e privilegiem somente os grupos sociais dominantes. Na população subalterna, a disciplina pode ser imposto por meio de métodos mais agressivos, como a constante vigilância, a prisão, os castigos físicos, a tortura e, em alguns casos, até a morte, a fim de corrigir os negros para torná-los dóceis e aceitar pacificamente as normas de um sistema opressor.

No filme, Sarafina passa pelos métodos disciplinares imposto pela escola, e também como os métodos disciplinares imposto pela prisão. Na escola, Sarafina não se tornou dócil nem receptiva, mas na prisão, Sarafina, sofre a violência da tortura e

quando sai frágil e humilhada da cadeia, ela apresenta um comportamento mais dócil. Se não foi possível disciplinar pelo discurso, o método mais agressivo de tortura na prisão impôs sua condição de submissão ao sistema do apartheid. Entretanto, no filme, Sarafina ainda mantém vivo o seu sonho de ver o seu povo negro sul-africano valorizado como cidadãos, tendo os mesmos direitos e deveres garantidos aos brancos.

Os pesquisadores dos Estudos Culturais defendem a equiparação das diversas formas de conhecimento. Nessa linha teórica, não se pode estabelecer uma hierarquia entre as diferentes culturas, porque “todas as culturas são consideradas epistemologicamente e antrologicamente equivalentes, não se pode estabelecer nenhum critério pelo qual uma cultura pode ser julgada superior à outra”. (Silva, 2002, p. 86). Ou seja, nas relações étnico-raciais, a valorização de um determinado aspecto cultural e a desvalorização de outro é uma imposição ideológica.

África do Sul e o apartheid legalizado:

A narrativa do filme *Sarafina - o som da liberdade* permite desenvolver uma análise da lógica da dominação na África do Sul no período em que havia um regime de forte apartheid étnico-racial. O filme traz os discursos ideológicos que sustentaram oficialmente a separação e o tratamento desigual em relação ao povo sul africano, durante mais de 75 anos, baseado na cor da pele.

Magnoli (1998) argumenta que as leis do apartheid começaram a ser promulgada em 1911, porém só foram inseridas oficialmente na Constituição da África do Sul em 1948. A partir dessa data, institucionalizou-se o regime legislativo de segregação racial. Ao longo dos próximos 40 anos, foram estabelecidas várias leis que promoveram e ampliaram a discriminação racial, exemplo disso é a lei básica do regime branco que definia as áreas de separação geográficas entre as categorias raciais – bairros étnicos ou os bantustões².

A separação espacial também era obrigatória em praias, transportes, piscinas, bibliotecas, banheiros públicos, teatros, e outros lugares públicos. Pereira (1985) diz que esse processo foi chamado de pequeno apartheid, a partir daí tentou-se implantar o grande apartheid, que pretendia formar uma África do Sul totalmente branca. Dessa forma, os bantustões tornar-se-iam estados independentes e seus moradores passariam a ser cidadãos desses pequenos países, mas estrangeiros no restante do território sul africano, inclusive nas regiões onde os negros trabalhavam.

Com esta política, segundo Pereira (1985), os brancos conservavam 87% das melhores terras do território da África do Sul, deixando a população negra com cerca de 12,7% do território. Este regime atuava também sobre o convívio entre as raças, como a lei de matrimônio pelas quais as uniões mistas eram consideradas ilegais, lei do passe que controlava o movimento da mão-de-obra negra na região branca e as leis que regulavam os sindicatos e greves.

² Guetos, lares negros, ou reservas tribais, em que população negra residia.

De acordo com Cornevin (1979) e Lopes (1990), quando se tratava do sistema educacional sul africano voltado para os negros, eles eram educados para ocupar a sua “posição na vida” que era de obediência e submissão. O sistema opressor na escola e a conformação com sistema político imposto pelo apartheid desencadeou o Levante de Soweto no ano de 1976. Um grupo de estudantes negros saiu em marcha pelas ruas para protestar contra a imposição da língua africâner nas escolas negras, considerada a língua do opressor pelos nativos sul africanos. A manifestação foi repreendida violentamente. No final de alguns dias de conflitos, foram computados mais de 100 mortos, mil feridos e muitos presos.

As leis impostas pela minoria branca para subjugar a população negra sul africana asseguravam os privilégios concedidos de acordo com a cor da pele. Magnoli (1998) argumenta que o sistema apartheid foi um dos regimes de discriminação mais cruéis de que se tem notícia no mundo. Ele vigorou na África do Sul de 1911 até 1990. Durante todo esse tempo esteve ligado à política do país. A antiga Constituição sul-africana incluía artigos que oficializava uma clara discriminação racial entre os cidadãos, apesar de os negros formarem a maioria na população. Cornevin (1979, p.19) diz que a “África do Sul é a única nação do mundo que inclui o racismo em sua Constituição e é também o único país em que a cor da pele determina inelutavelmente a categorização dos cidadãos na hierarquização social”.

No filme, fica evidente o discurso hierarquizador que privilegia o conhecimento eurocentrista em detrimento de outros conhecimentos formadores da cultura sul-africana. Como fonte desta investigação, o filme *Sarafina* exibe uma representação da sobreposição de uma cultura à outra. Segundo Silva (1999), os Estudos Culturais, porém, consideram a cultura como um campo de produção de significados, em que os diferentes grupos sociais situados em posições diferenciadas de poder lutam para preservar suas idéias e combater a padronização da identidade como se fosse única para toda sociedade. Por isso, é preciso questionar e desconstruir as narrativas que se perpetuaram em nossa sociedade e, consequentemente, nos conteúdos escolares.

Apesar da ação dos Aparelhos Ideológicos e Repressivos, a classe dominante não conseguiu manter durante todo o tempo sua supremacia ideológica sobre as classes dominadas. Com os genocídios resultantes das contradições entre as classes, mobilizaram uma intervenção internacional que desencadearam o fim do regime apartheid.

O atual presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, durante uma grande passeata que marcava os 25 anos do Levante de Soweto, declarou que a luta contra o racismo continua, porque o fim do regime apartheid, em 1994, não acabou com a miséria. Quase 30 anos depois dos bárbaros acontecimentos, Soweto é um bairro de uma grande cidade, onde também há casas luxuosas e mansões. Alguns de seus moradores ostentam riqueza, mas sabem o risco de se ter muito em um lugar onde muitos, nada têm, conforme afirma Jimmy, um de seus moradores:

O apartheid acabou, mas agora temos o apartheid econômico, em qualquer parte do mundo, argumenta Jimmy. Ele acredita que as mudanças mais profundas dependem das novas gerações.'Temos a esperança de que nós vamos melhorar juntos - negros, brancos, amarelos. Agora, somos iguais perante a lei, e isso não é um sonho (MAGNOLI, 1998 p.78).

Apesar do grupo dominante, de uma minoria branca, impor uma identidade de submissão à população negra sul africana, existiram vários movimentos de resistência¹. No entanto, as populações da África do Sul continuam, ainda marcado pelo estigma da cor e pelas lembranças do apartheid racial. Agora, a luta é contra o outro tipo de apartheid, o apartheid econômico.

Stuart Hall (1987) argumenta que a sociedade é um campo de luta, portanto, a nossa identidade é mutável e o processo de construção de identidade se expressa nos sistemas culturais que nos rodeiam. Neste sentido, uma identidade não é imposta sem uma resistência, pois a sociedade é um campo de luta. A construção da identidade só é possível por causa dos sistemas culturais que nos rodeiam. No filme, há o momento em que Sarafina começa a desconstruir o discurso do grupo dominante e a valorizar a própria cultura como formadora de sua própria identidade.

Conclusão:

O estudo ora apresentado buscou nos Estudos Culturais uma base teórica para analisar o filme *Sarafina o som da liberdade*, a respeito do discurso que justifica o preconceito racial. O apartheid amparado no modelo de lei que dava supremacia ao homem branco sobre o negro, representou um período cruel de marginalização daquele que é diferente na identidade cultural e na cor da pele. Essa desigualdade de poderes e de direitos não possui uma origem natural, como foi pensado por teóricos como Spencer que acreditava na existência de sociedades humanas superiores às outras. Estas teorias partiram de uma construção social decorrente de representações ideológicas, com base em crenças e valores de um grupo dominante que busca manter a ordem social ou o ideal do *ethos* branco. Seu objetivo é sustentar as relações assimétricas e monopolizar as idéias e ações de um determinado grupo, mantendo-o preso e dominado por esses conceitos, falseando a realidade, ocultando as contradições reais, construindo no plano imaginário um discurso aparentemente coerente e a favor da unidade social. Parece haver interesse na transmissão de uma ideologia inferiorizadora, que objetiva dominar, dividir, eliminar, desculturalizar, embranquecer, a fim de perpetuar mitos e estereótipos negativos referentes à população negra.

¹ Congresso Nacional Africano, liderado por Nelson Mandela, questionava as leis de segregação impostas aos negros e o Movimento de Consciência Negra, liderada por Steve Biko, pretendia transformar o pensamento negro e extinguir o sentimento de inferioridade internalizado durante décadas de submissão ao poder branco.

O sistema apartheid representou um modelo de hierarquização cultural do homem branco europeu sobre o negro sul-africano. Por isso, a discussão sobre a segregação racial pode contribuir para viabilizar um ambiente que favoreça o reconhecimento e a valorização da cultura africana para história da humanidade e inserir maior visibilidade aos seus conteúdos até hoje negados pela cultura dominante. Esse tipo de ação contribui também para promover um conhecimento de si e do outro, em prol da reconstrução das relações raciais desgastadas pela hierarquização étnico-racial perpetuada no decorrer da história.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: notas sobre aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- CORVENIN, Marianne. *Apartheid: poder e falsificação histórica*. Lisboa: Edições 70/UNESCO, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política. entre o moderno e o pós-moderno*: Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LEITE, Sidney Ferreira. *O cinema manipula a realidade?* São Paulo: Paulus, 2003
- LOPES, Marta Maria. *O apartheid: a ideologia do apartheid as perspectivas da África do Sul, as lideranças negras*. São Paulo: Atual, 1990.
- LOPES, Marta Maria; PINSKY, Jaime. *O apartheid: a ideologia do apartheid, as lideranças negras, as perspectivas da África do Sul*. 3. ed. São Paulo: Atual, 1992. (Coleção Discutindo a história)
- MAGNOLI, Demétrio. *África do Sul: o racismo como instituição conflitos internos e pressões externas o futuro da África do Sul*. São Paulo: Contexto, 1998.
- PEREIRA, Francisco José. *Apartheid o horror branco na África do Sul*. São Paulo: Brasiliense S.A., 1985.
- SAMPSON, Anthony. *O negro e ouro: magnatas, revolucionários e o apartheid*. São Paulo: Companhias das Letras, 1988
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- TERUYA, T. K. *Trabalho e educação na era midiática*. Maringá, PR: Eduem, 2006.
- THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2001
- TURNER, Graeme. *Cinema como Prática Social*. São Paulo: Summus, 1997

Fonte imagética: Sarafina: o som da liberdade. Diretor Darell Roodt. Distribuído por Warner Bros e Time Warner Entertainment Company, E.U.A, 1993.